

## A INFLUÊNCIA DE LUDWIG FEUERBACH NA FILOSOFIA DE ENRIQUE DUSSEL

### THE INFLUENCE OF LUDWIG FEUERBACH IN THE PHILOSOPHY OF ENRIQUE DUSSEL

João Paulo Araújo Pimentel Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** Na construção de um pensar autêntico latino-americano, o filósofo argentino Enrique Dussel, precursor da Filosofia da Libertação, irá trabalhar com a estratégia de que não é necessário negar a tradição filosófica anterior a ele para a construção de algo novo, pelo contrário, a proposta do autor é de um diálogo profundo com a história da filosofia, visto que a necessidade do novo pensar não surge apenas da pulsão criativa de se produzir originalidade, mas do alarmante fato de que toda a filosofia ocidental não incluiu no seu horizonte a alteridade última. Partindo da sua condição, do *ser encoberto* pela razão ocidental, Dussel elabora um pensamento ético que encontra em Feuerbach uma de suas maiores referências. O objetivo deste trabalho, então, é apresentar como Dussel se apropria das teorias do filósofo alemão na construção do seu próprio pensar. Abordaremos, principalmente, a obra *Método para uma filosofia da libertação*, na qual é descrita a apreciação de Dussel sobre o resgate feito por Feuerbach de, pelo menos, três questões fundamentais: a sensibilidade, que sempre fora colocada em suspeita pela tradição; o reconhecimento do outro, que emerge como alternativa à filosofia da subjetividade; e sua crítica a Hegel, que resplandece como crítica a qualquer pensar totalizante, ontológico. Finalmente, veremos como Dussel reconhece Feuerbach no grupo dos *críticos de Hegel*. Esse grupo, para ele, constitui a única filosofia válida para a realidade latino-americana, da qual ele é um continuador, pois esses filósofos formam a pré-história da Filosofia da Libertação.

**Palavras chave:** Libertação. América Latina. Ontologia.

**Abstract:** In the development of an authentic Latin American thought, The Argentine philosopher Enrique Dussel, precursor of the Philosophy of Liberation, he will work with the strategy that it is not necessary to deny the previous philosophical tradition back to his time in order to prepare something new, on the contrary, the author's proposal is a deep dialogue with the history of philosophy, once the necessity for a new thinking not only arises from the creative drive to produce originality, but the alarming fact that all Western philosophy not included in its horizon otherness radical. Starting from his condition of being clouded by western reason, Dussel draw up an ethical thought that Feuerbach is in one of its biggest references. This study aims, then, to present how Dussel is adapt to the theories of the German philosopher in the development his own thinking. We discuss mainly the work *Método para una filosofía de la liberación*, in which is described the appreciation of Dussel about the redemption made by Feuerbach of at least three issues: the sensitivity, which had always been put on suspicion of tradition; the recognition of the other, emerging as alternative to the philosophy of subjectivity; and his critique of Hegel, that emerges as critical to any totalizing thinking, ontological. Finally, we will see how Dussel recognizes Feuerbach in the group of critics of Hegel. This group is the only valid philosophy to the Latin American reality, of which he is a follower, so these philosophers form the prehistory of Philosophy of Liberation.

**Keywords:** Liberation. Latin America. Ontology.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: pimentel-jp@hotmail.com.

## 1. Introdução

Para pensar a realidade latino-americana e propor uma filosofia autêntica, original, o autor argentino Enrique Dussel não irá simplesmente relegar a tradição que lhe antecede, mas, ao contrário, desenvolverá a estratégia de subsumir a tradição filosófica, recuperando os aspectos que podem ser aplicados para o horizonte da libertação e assim montar uma arquitetura teórica nova, capaz de atender aos reais problemas daqueles que constituem o núcleo do seu sistema filosófico: as vítimas do sistema (DUSSEL, 2012).

O esforço de Dussel em sua filosofia da libertação, não se constitui somente como crítica aos demais filósofos, para tentar, no âmbito teórico, corrigir seus sistemas. A Filosofia da Libertação manifesta-se puramente como uma ética e corresponde a uma necessidade real, do seu tempo<sup>2</sup>, a saber: a condição de exclusão que incide sobre a grande parte da população do orbe (DUSSEL, 2012). É, portanto, uma filosofia que parte do cotidiano, não de debates lógico-filosóficos. É uma filosofia que se apresenta como alternativa ética, uma ética da vida<sup>3</sup>.

Dentre os filósofos que mais influenciaram os trabalhos de Dussel está o grupo dos chamados “críticos de Hegel”, e nele encontra-se o filósofo alemão Ludwig Feuerbach. Neste trabalho, veremos como o filósofo argentino inspira-se nas ideias de Feuerbach e as critica, dá um passo a diante a fim de incluir no interior da história da filosofia uma realidade jamais pensada em sua exterioridade, a realidade dos povos do Sul.

---

<sup>2</sup> Antes de Dussel, já dizia Feuerbach que a necessidade da reforma da filosofia corresponde à necessidade de uma época, da própria humanidade: “Uma nova filosofia que se situa numa época comum às filosofias precedentes é algo de inteiramente diverso de uma filosofia que incide num período totalmente novo da humanidade; isto é, uma filosofia que deve a sua existência apenas à necessidade filosófica, [...] é uma coisa; mas uma filosofia que corresponde a uma necessidade da humanidade é outra coisa inteiramente diferente” (FEUERBACH, 1988, p. 13).

<sup>3</sup> Dussel situa assim sua filosofia ética: “o contexto último desta *Ética* é o processo de globalização; infelizmente, porém, e simultaneamente, esse processo é *exclusão* das grandes maiorias da humanidade: as vítimas do sistema mundo [...]. Esta *Ética* deseja explicar essa dialética contraditória, construindo categorias e o discurso crítico que permitam pensar filosoficamente este sistema performativo autorreferente que destrói, nega e empobrece a tantos neste final do século XX. A morte das maiorias exige uma *ética da vida*, e seus sofrimentos nos levam a pensar e a justificar a sua necessária libertação das cadeias que as predem”. (DUSSEL, 2012, p.17)

## **2. O pensamento do jovem Feuerbach**

Na obra *Método para uma Filosofia da Libertação*, Enrique Dussel articula uma genealogia da dialética, da antiguidade à contemporaneidade, buscando compreender o significado e uso desse recurso até, enfim, julgá-lo insuficiente para as pretensões da Filosofia da Libertação. A proposta do filósofo é criar um novo momento, o método analéctico. É neste percurso que nos deparamos com Feuerbach, uma das primeiras manifestações críticas do maior representante da filosofia especulativa: Hegel. Dussel irá, neste cenário de superação da dialética, esmiuçar a obra de Feuerbach, apontando suas limitações e trazendo sua relevância para a Filosofia da Libertação.

A análise que Dussel realiza dos métodos feuerbachianos se dá cronologicamente. E, de início, é possível dizer que o objeto de estudo de Feuerbach é a filosofia da religião, e a partir dela a antropologia (DUSSEL, 1986).

No entanto, como salientará Dussel nas páginas seguintes de sua obra, a antropologia de Feuerbach não é ainda suficiente, pois se fundamenta como ontologia, da qual não é possível exprimir a categoria de exterioridade. Tal configuração não permite uma superação da totalidade, mantêm-se na visão hegeliana. Uma exterioridade radical<sup>4</sup> será explicitada por filósofos futuros, como Xavier Zubiri e Levinas<sup>5</sup>. Essa será a primeira observação feita contra Feuerbach, nas palavras de Dussel:

Feuerbach ocupa-se principalmente da filosofia da religião [...]. Sua filosofia da religião como veremos, negará a divindade (será então ateia) de determinada ordem ou sistema, mas fá-lo-á a partir de um nível que não deixará de ser ontológico. O interesse do pensar juvenil feuerbachiano, até 1844, é então o de ter superado o pensar de Schelling e de ter, por isso, descoberto o nível propriamente antropológico. Contudo, como veremos a seguir, esta antropologia é ainda ontológica ou, se quisermos, não conta com a categoria de exterioridade. Ao permanecer na ontologia, não pode afirmar o âmbito meta-físico: é ainda um pensar moderno europeu. (1986, 139-140)

Feuerbach irá começar a ter dúvidas da filosofia hegeliana já em 1827, embora chegue a escrever uma resenha positiva da *História da filosofia* de Hegel. No entanto, de acordo com Dussel, tendo contato com a obra *Crítica ao idealismo* de F. Dorguth,

---

<sup>4</sup> Nos termos de Dussel, uma exterioridade alterativa ou metafísica.

<sup>5</sup> “Feuerbach proporá uma exterioridade ôntica ou, se o quisermos, uma exterioridade do ser hegeliano que não supera, porém, a totalidade. Não há uma exterioridade propriamente alterativa ou metafísica (como veremos em Zubiri ou Levinas, §§ 23-24)”. (DUSSEL, 1986, p. 139)

Feuerbach alcança a maturidade necessária para, finalmente, esboçar sua própria crítica ao seu antigo mestre com o texto *Para a crítica da filosofia hegeliana* (DUSSEL, 1986). Nos termos de Dussel, a crítica de Feuerbach à Hegel fundamenta-se:

Em primeiro lugar, no fato de que a universalidade da totalidade dialética desenvolve-se exclusivamente no tempo, isto é, não se assume a dimensão espacial, que permitiria descobrir o sentido não apenas da sucessão, como também da coexistência dos diversos momentos; em segundo lugar, no fato que “o sistema hegeliano é uma auto-alienação absoluta da razão” porque, sem pressuposição nenhuma, parte dela mesma, desconhecendo a experiência sensível, a anterioridade da natureza que não somente constitui “o maquinário elementar do estômago como também constrói o templo do cérebro” (DUSSEL, 1986, p. 140-141)

### **3. A Essência do cristianismo**

Em 1841 aparece o texto *A essência do cristianismo*, um marco na história da filosofia e “obra fundamental para a esquerda hegeliana” (DUSSEL, 1986, p. 141). Nela, Feuerbach busca demonstrar que a raiz do Deus cristão é, na verdade, o próprio homem. O homem exterioriza suas qualidades e a diviniza, cria seu próprio Deus. O método do filósofo alemão consiste em construir um movimento inverso, de buscar em Deus a essência do homem, já que esse Deus nada mais é que um ideal humano, livre de suas limitações (CHAGAS e REDYSON, 2011). A respeito dessa grande obra, comenta Dussel:

É aqui onde se pode observar a principal reviravolta do pensamento europeu produzida por Feuerbach. Nosso filósofo volta-se contra a totalidade vigente e pensada por Hegel e desdiviniza-a, profana-a, declara-se ateu de tal ídolo. (1986, p. 141)

O exame realizado por Feuerbach do cristianismo visa não somente a crítica da religião e o resgate de uma antropologia positiva, mas também empreender uma crítica às ideias de Hegel. Esta postura, entretanto, não é suficiente para desligá-lo definitivamente do sistema do seu antigo mestre:

Feuerbach compreende que o cristianismo, em um primeiro momento (e é aquele que ele compreendeu adequadamente), é negação dos fetiches e afirmação do homem como transcendência da “ordem vigente justa” (fetiche); o cristianismo não é somente o face-a-face como o Deus criador, mas “en-carnação”. O equívoco, todavia está em que para Feuerbach o único Deus possível é o “deus” de Hegel e da

cristandade vigente (a prussiana em primeiro lugar). (DUSSEL, 1986, p. 141)

A revisão feita por Dussel é que as reflexões de Feuerbach, por mais que inspiradoras, deslizam em alguns pontos, não abrangem a complexidade e as várias manifestações do cristianismo, limitando-se à interpretação hegeliana e a realidade da cultura prussiana.

Kierkegaard mostrará com razão que a cristandade (uma cultura) não é o cristianismo. Isto Feuerbach ainda não pode ver, e por isso, embora acertada sua direção, sua crítica não será suficientemente radical, questão essa que, por outro lado, abrirá muitos becos sem saída para seus sucessores. (DUSSEL, 1986, p. 141)

Não obstante, Feuerbach parte de boas premissas e, segundo o filósofo argentino, indica mais caminhos a percorrer. A recuperação da importância do outro, da comunidade, são temáticas fundamentais para a Filosofia da Libertação. A libertação visa justamente o outro, aquele que tem fome, sede, que é oprimido em suas necessidades fundamentais. Só há libertação a partir de uma práxis, e esta se dá no contato face-a-face com o outro, que é carne, sensível e não um mero espectro ou imagem projetada pela subjetividade. Neste sentido, a teoria de Dussel deve muito à autenticidade do materialismo feuerbachiano:

A materialidade sensível do conhecer humano permite a Feuerbach definir um novo materialismo; não se pense, porém, que seja um “materialismo sem espírito”, do tipo holbachiano. Trata-se de um sensualismo empirista de raiz antropológica, que nos lembra que a realidade é corporal. (DUSSEL, 1986, p. 142)

#### **4. Feuerbach e uma filosofia para o futuro**

Depois de ter escutado Schelling em 1841 em Berlim, Feuerbach escreve suas três pequenas obras mais importantes, quer pela influência que exercerão, quer pela precisão do seu pensamento. Trata-se de *Necessidade de uma reforma da filosofia* (1842), *Teses provisórias para a reforma da filosofia* (1842) e *Princípios fundamentais da filosofia do futuro* (1843). (DUSSEL, 1986, p. 143).

Logo na primeira obra (*Necessidade de uma reforma da filosofia*) Feuerbach deixará claro que a filosofia do futuro não deverá ter como cerne a superação de

sistemas filosóficos (como foi o idealismo alemão), mas terá com fundamento a realidade própria. O ponto de partida da filosofia não será sua própria história, mas a cotidianidade sensível (DUSSEL, 1986). Este pensamento é fundamental para Dussel, que pensa sua filosofia a partir de um contexto e seus problemas reais: a América latina e os pobres<sup>6</sup>.

Já a obra *Princípios fundamentais da filosofia do futuro* aponta novas reflexões, que o autor divide em duas partes:

a primeira, em que se mostra que a identidade do ser e do pensar termina, na filosofia especulativa de Hegel, divinizando o cogito; a segunda, em que se mostra que, no acesso à realidade e à existência, a razão é superada pela sensibilidade que vai mais além da primeira que, pelo amor, permite alcançar a posição alternativa com outro homem.

Temos, então, uma dupla importância nessa obra: uma crítica à filosofia especulativa e principalmente a Hegel e um resgate da sensibilidade, realidade negada por grande parte dos autores modernos. É dessa sensibilidade que brota a relação com outro, é a partir das determinações essenciais do homem, na qual está incluído o amor, que o homem se realiza, se plenifica, no contato com o outro, na comunidade<sup>7</sup>.

A positividade da filosofia feuerbachiana aparece, para Dussel, nestas três dimensões: a centralidade da sensibilidade, que supera (mas não nega) em alguns momentos a razão, ou seja, faz o que os filósofos especulativos jamais fariam<sup>8</sup>; a importância do outro, realidade necessária para a realização do homem enquanto gênero, na comunidade, onde o impossível se torna possível<sup>9</sup>; e a crítica a Hegel, que se configura como crítica ao pensar totalizante<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que ao pensar a realidade latino-americana, Dussel inclui as realidades africanas e asiáticas, por viverem situações análogas. Também é importante frisar que a categoria “pobre”, usada em seus primeiros textos, será atualizada na obra *Ética da Libertação* pela categoria “vítima”, que contempla a condição daqueles oprimidos pelas diversas faces do sistema em qualquer parte do globo.

<sup>7</sup> A respeito das determinações humanas na obra de Feuerbach ver o primeiro capítulo da obra *A essência do Cristianismo*. Para um comentário do tema indicamos o capítulo de CHAGAS, Eduardo. **A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach**. In: CHAGAS, Eduardo Ferreira. REDYSON, Deyve (orgs). **Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.

<sup>8</sup> Nesse sentido, argumenta Feuerbach: “Não é reconhecido que fora da existência sensorial não existe ser? Temos algum outro sintoma ou critério de uma existência fora de nós, independente do pensamento, a não ser a sensorialidade?” (FEUERBACH, 1989, p. 101).

<sup>9</sup> “Mas o que o homem isolado não sabe nem pode sabem-no e podem os homens em conjunto” (FEUERBACH, 1988, p. 101).

<sup>10</sup> Um dos objetivos da obra de Feuerbach é a crítica à chamada *filosofia especulativa*, uma filosofia da inversão, na qual o pensamento passa a ser sujeito e constituinte da realidade. Essa escola filosófica alcança seu ápice na doutrina de Hegel e sua crítica será efetuada por Feuerbach, principalmente, na obra *Princípios da filosofia do futuro*.

Dussel resume assim o legado de Feuerbach para a filosofia latino-americana:

Feuerbach deixou colocado no método dialético a superação do âmbito ser-pensar, um além já proposto por Schelling agora, porém, concretizado como antropologia. A filosofia nova, latino-americana, deverá assumir igualmente este momento pré-histórico de sua constituição: o rosto sensível do outro homem, que tem fome e sangue, encontra-se para além do sistema onde o ser é o pensar. (1986, p. 148)

Enrique Dussel reconhece a grande ousadia e as contribuições teóricas de Feuerbach. Ao desafiar a teoria do seu antigo mestre, e filosofia hegemônica do seu tempo, Feuerbach, inspirado em Schelling, tenta superar a identidade entre ser e pensar para, então, passar à alteridade por meio da sensibilidade (DUSSEL, 2012). A crítica à filosofia de Hegel não funciona apenas como a superação teórica de um sistema. O resgate da sensibilidade e a valorização do outro, como já apontamos, formam, com a superação da identidade do pensar e do ser, a grande contribuição de Feuerbach para a Filosofia da Libertação. Logo, é imprescindível a obra do filósofo alemão para a compreensão de todos aqueles que o sucederam e para o pensamento autêntico latino-americano. Apesar disso, Dussel faz algumas observações acerca das limitações de Feuerbach, e sobre a questão da superação do âmbito ser-pensar afirma:

Isto, porém, ainda não é suficiente, especialmente porque ao final “a verdade é a totalidade (Totalitaet), da vida e da essência humana”, isto é, a humanidade como tal constituir-se-ia como um horizonte ontológico já sem exterioridade. O “tu”, outro homem, é exterior ao âmbito ser-pensar, mas, no fim, permanece incluído na comunidade sem exterioridade. Esta questão somente poderá ser superada depois que a problemática ontológica contemporânea tiver sido colocada. (1986, p. 148)

Há, então, para o filósofo argentino, uma dimensão que foi impossível Feuerbach alcançar: a exterioridade. Afirmar o outro dentro de uma totalidade, dentro de um sistema, ainda não é suficientemente radical. É preciso afirmá-lo em sua diferença, abandonar o plano ontológico hegemônico da filosofia europeia. Tal problemática será posta somente por autores contemporâneos e tematizada na própria Filosofia da Libertação. Entretanto, o salto filosófico dado por Feuerbach é indiscutível, e sua relevância irá resplandecer naqueles que o sucederam.

## 5. Conclusão

Se Dussel não falha em sua interpretação, podemos afirmar que, apesar de suas limitações, Feuerbach aponta os caminhos para os filósofos futuros para a superação do pensar hegemônico europeu (portanto, um passo fundamental), assim como os demais críticos de Hegel, que são incluídos por Dussel na chamada *pré-história* da Filosofia da Libertação.

A crítica à dialética hegeliana, como vimos, foi efetuada pelos pós-hegelianos (entre eles Feuerbach, Marx e Kierkegaard). A crítica a antologia heideggeriana tem sido efetuada por Levinas. Os primeiros são modernos; o segundo é ainda europeu. Resumiremos indicativamente o caminho seguido por eles, para superá-los partindo da América Latina. Eles são a *pré-história* da *filosofia latino-americana* e o antecedente imediato de nosso pensar latino-americano. Não podíamos contar nem com o pensar europeu preponderante (de Kant, Hegel ou Heidegger), porque nos incluem como “objeto” ou “coisa” em *seu* mundo; não podíamos partir daqueles que os imitaram na América Latina, porque é filosofia inautêntica. Tampouco podíamos partir dos imitadores latinos-americanos dos críticos de Hegel, porque igualmente eram inautênticos. Os únicos críticos reais do pensar dominador europeu foram os autênticos críticos europeus acima nomeados, ou os movimentos históricos de libertação na América Latina, África ou Ásia. É por isso que empunhando (e superando) as críticas europeias a Hegel e Heidegger e, escutando a palavra pro-vocante do outro, que é o latino-americano oprimido na totalidade norte-atlântica como futuro, pode nascer a filosofia latino-americana que será, analogicamente, africana e asiática. (DUSSEL, 1986, p. 190)

É, portanto, a partir dos críticos de Hegel, que a filosofia latino-americana busca inspiração teórica. E Feuerbach, com seu esforço crítico, recupera elementos indispensáveis para a formação de um pensamento autêntico na América Latina. Essa nova filosofia traz consigo um compromisso, para os povos oprimidos (americanos, asiáticos e africanos), não apenas teórico, mas essencialmente prático. É uma filosofia crítica e ética que tem como princípio a vida, “onde se afirma a dignidade negada da vida da vítima, do oprimido ou excluído” (DUSSEL, 2012, p. 93), e que se justifica na alarmante miséria que assola a maioria da humanidade, junto à crescente devastação do planeta Terra (DUSSEL, 2012).



## **Referências**

CHAGAS, Eduardo. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. In: CHAGAS, Eduardo Ferreira. REDYSON, Deyve (orgs). *Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011, 11-32.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E. Orth. Petrópolis, Vozes: 2012.

\_\_\_\_\_. *Método para uma filosofia da libertação*. Tradução de Jandir João Zanutelli. São Paulo, Loyola: 1986.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis, Vozes: 2007.

\_\_\_\_\_. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.